

C PRESIDENTE FIGUEIREDO

Opção de lazer faz amazonenses e turistas a pegar a estrada e aproveitar as belezas naturais das cachoeiras

Partiu pegar cachoeira

Situado em uma das principais áreas de turismo ecológico do estado do Amazonas, o município de Presidente Figueiredo (distante 117 quilômetros de Manaus) é um dos principais destinos procurados pelos turistas que amam natureza e que não abrem mão de um revigorante banho de cachoeira, principalmente neste período de calor excessivo do verão amazônico.

Essa vocação para o ecoturismo está no fato de que o município consegue reunir, em uma mesma região, dezenas de grupos, cavernas, cachoeiras, lagoas e corredeiras. Presidente Figueiredo está a apenas quase duas horas de distância da capital, motivo pelo qual esses atrativos naturais atraem turistas do mundo inteiro, que encontram na chamada "Terra das Cachoeiras" um verdadeiro refúgio que pode facilmente ser acessado.

A Empresa Estadual de Turismo do Amazonas (Amazonatur) reuniu alguns atrativos que são destaque e convida o leitor a conhecer Presidente Figueiredo.



Foto: Jma/Rce Falda/Amazonatur

Como chegar?

• O trajeto até Presidente Figueiredo é feito via terrestre, por meio da rodovia BR-174 (Manaus-Boa Vista), em uma viagem que dura cerca de duas horas.

Para os visitantes que optam por não ir de carro particular, é possível ainda fazer o trajeto em ônibus que saem todos os dias da rodoviária de Manaus. O valor das passagens do transporte está em média R\$ 40.

É possível também fechar pacotes com agências de viagens que incluem o traslado do aeroporto ou do hotel até o atrativo escolhido em Presidente Figueiredo.

CACHOEIRA DA NEBLINA

Para quem gosta de unir aventura e natureza, a dica é uma queda d'água de 35 metros de altura conhecida como Cachoeira da Neblina. O nome do atrativo é em função do efeito que as gotículas de água apresentam no local, formando uma verdadeira névoa aos olhos dos visitantes.

A aventura começa antes mesmo de chegar até a cachoeira. Para acessar, é preciso percorrer uma trilha de seis quilômetros (12 quilômetros, ida e volta), o equivalente a duas horas de caminhada. A trilha é plana e sem muitos desafios, o que torna o trajeto menos cansativo. Para os fãs de adrenalina, é possível realizar atividade de rapel na queda d'água, unindo a beleza da natureza com a emoção do turismo de aventura.

O acesso à cachoeira custa R\$ 10 por pessoa. Para chegar até a entrada é preciso percorrer quase 100 quilômetros pela rodovia



Caverna do Maroaga tem o formato de um portal e fica na AM-230

federal BR-174 e em seguida acessar a rodovia AM-240, conhecida como estrada de Balbina, e seguir até o Km 51. O trajeto demora em média 2h40, saindo do Centro de Manaus.

GRUTA DA JUDEIA

A Gruta da Judeia é um lugar mágico que transporta o visitante a uma verdadeira viagem no tempo. Com um visual de uma natu-

reza imponente e ancestral. No topo da gruta, existe uma fissura por onde a água passa e cai em formato de cascata, originando uma piscina natural de uma fascinante cor avermelhada.

CAVERNA DO MAROAGA

Com um visual impressionante, a Caverna do Maroaga tem o incrível formato de um portal com uma queda d'água na frente, on-



No alto da Gruta da Judeia a água cai em formato de cascata

Tem que ter guia

• Para visitar a Caverna do Maroaga e a Gruta da Judeia é obrigatória a presença de um guia turístico. Para chegar à caverna, os visitantes percorrem uma trilha de cerca de 600 me-

tros, a caminhada é de fácil acesso. A entrada para grupos de até 5 pessoas custa em média R\$ 100. Para grupos maiores, o valor sobrou individualmente é de R\$ 20 por visitante.

de seus visitantes podem se refrescar. Cercada por uma vegetação verde e intensa, a caverna é um oásis em meio a mata fechada e encanta com misteriosos túneis e galerias que ficam no seu interior.

De acordo com lendas locais, o nome da caverna é uma homenagem a um líder indígena chamado Maroaga, da etnia Waimiri-Atroari, que teria usado a caverna como esconderijo para sua tribo.

Artigo

Amazônia: 8 mil anos de História

No coração de Manaus, na praça de São Sebastião, o mais importante arqueólogo estudioso da Amazônia no Brasil, Eduardo Neves, lançou recentemente seu novo livro intitulado "Sob os tempos do Equinócio - Oito mil anos de História na Amazônia central", publicado pela editora Ubu, com apoio da Edusp e Fapesp.

Despretensioso como tudo o que é realmente importante nessa vida, o encontro ocorreu numa noite quente do verão manauara na charmosa Banca do Largo, especializada em livros sobre a Amazônia, provocou uma inquietude e um chamado para nossa arraigada ignorância.

Ao mesmo tempo que nos deparamos diariamente com notícias terríveis da destruição avassaladora da maior floresta tropical do mundo, nos chega esta obra, que traduz e atualiza para o público em geral a pesquisa arqueológica feita na Amazônia.

Lugo na introdução, o arqueólogo nos abre os olhos. Não é pré-história o que ocorreu por essas bandas tropicais antes de 22 de abril de 1500. Temos, sim, uma História Antiga da Amazônia e sua gente.

Juliana Radler

Jornalista com especialização em meio ambiente e analista de políticas socioambientais do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA)



Precisamos conhecer, entender e comunicar antes que seja tarde demais e os vestígios do passado sejam massacrados pela brutalidade do presente.

"As descobertas do autor e de seus colegas revelam, a partir de ecofatos, uma floresta que teve conjuntos populacionais maiores do que muitas cidades amazônicas de hoje e que foi palco de uma das mais antigas produções de cerâmica das Américas", escreve a jornalista e escritora Eliane Brum a respeito do livro.

Grandes populações indígenas que sempre habitaram a floresta conviveram por séculos neste bioma sem destruí-lo. Para além da convivência harmônica, colaboraram com a criação da floresta tal qual a conhecemos hoje, nos deixando como legado um bioma que é fonte de vida e equilíbrio cli-

mático para todo o planeta.

Entretanto, a Amazônia, segundo Eduardo, sempre esteve "sob o signo da incompletude" do ponto de vista do colonizador e do olhar eurocêntrico. "A ideia de que algo sempre faltou à Amazônia e seus povos: a agricultura, o Estado, a história, as cidades, a escrita, a ordem e o progresso".

Nos conta Eduardo: "é notável como, desde o século XVI, o uso da preposição "sem" tem sido utilizado com frequência para designar os povos e a natureza aqui encontrados pelos europeus, como na clássica formulação de Pero de Magalhães Gândavo sobre os Tupinambá: povos "sem fé, sem lei, sem rei".

Hoje, o discurso político totalitário remete à mentalidade da Ditadura, quando a Amazônia era considerada um deserto verde, um vazio demográfico a ser habitado. A incapacidade de entender e conhecer, essa trucidação de origem colonial, vigora até os dias atuais.

Os discursos ainda hoje estão focados na falta, na incompletude como diz o arqueólogo. Ao desconhecer a História antiga desse lugar e das pessoas que aqui viviam antes de nós, estamos fadados, como sociedade, a cometer muitos erros e injustiças. Destinados a perpetuar modelos violentos e predatórios, sem ter sequer consciência do que foi o passado desse lugar.

Para se buscar novos caminhos, é nítido que precisamos ouvir a memória, a história daqueles que resistiram a séculos de violência e

massacre. Como viviam as pessoas antes da invasão colonial? Quais línguas falavam, como era a agricultura, o comércio, a cultura e suas relações de troca?

É preciso que a gente faça mais perguntas para termos melhores respostas. Neste sentido, como explica Neves, "nenhum campo do conhecimento é tão bem equipado para entender em escalas temporais milenares ou centenárias como se constituíram as relações entre nossa espécie e a natureza". A arqueologia, nos mostra o livro, pode nos guiar para mais próximo da verdade, ao nos livrar da ignorância, do desconhecimento e do preconceito.

Com a crise socioambiental sem precedentes que vivemos e a velocidade imposta aos ciclos da vida pelo Antropoceno (época geológica atual caracterizada pelo impacto do ser humano no planeta), urge trazer à tona o debate sobre a História Antiga da Amazônia.

Há cerca de um mês, em Berlim, foi inaugurada a ala da Amazônia em um dos maiores espaços de exposição sobre as culturas do mundo e a História Humana, o Humboldt Forum. Peças coletadas por Theodor Koch-Grünberg, primeiro etnógrafo europeu a viajar pelo Noroeste amazônico, estão expostas no museu, por exemplo, revelando o conhecimento, a cultura e o passado dos povos indígenas na Amazônia.

Para essa inauguração em Berlim estiveram presentes dois indígenas do Amazonas, da região do Rio Negro: Rogelino Azevedo, do povo Tukano, e Damião Barbosa,

Yeba-Masá, que contaram sobre suas culturas e História para uma plateia internacional ávida em saber mais sobre a Amazônia. Ambos saíram de São Gabriel da Cachoeira, município mais indígena do Brasil, para compartilhar seus saberes na Alemanha.

Acompanhados pelo antropólogo Aloisio Cabalzar, que há mais de 30 anos estuda a cultura dos povos do rio Negro, esse movimento revela o interesse e a abertura de parte do mundo em rever certezas, refazer caminhos e reparar a história tal qual ela vinha sendo contada.

Uma coisa é certa: não podemos mais avançar sobre a floresta, destruindo não só o meio ambiente, quanto também as culturas, as pessoas, a memória e a nossa própria história como espécie. Neste momento crucial para o Brasil, temos que optar pela preservação da floresta amazônica viva, por modelos socioeconômicos que dialoguem com a História desse lugar e de sua gente.

Lá que Eduardo nos falou sobre o signo da falta que sempre rondou as "ditas verdades e soluções sobre a Amazônia", podemos dizer que sem educação, pesquisa, ciência e arqueologia não podemos continuar. Isso é o que tem de fato faltado, não somente no Norte, como em todo o Brasil. A manutenção de uma mentalidade obscurantista, negacionista, imediatista e consumista nos levará de fato ao ponto de não retorno, não só da Amazônia, conforme alertam os cientistas, como nosso próprio, como seres humanos.